

DAS “OPERAÇÕES MILITARES ESPECIAIS” GENIAIS E DA INESPERADA “CRISE” DAS GUERRAS

Quando meditamos sobre a forma surpreendente como têm decorrido as duas guerras mais mediáticas do nosso tempo – guerra russo-ucraniana e o mais recente conflito entre o Irão e a aliança EUA-Israel –, é grande a tentação para, diante do impasse dominante, suspeitar da competência das estruturas políticas e militares dos países que, nestes casos, se apresentavam como detentores de uma esmagadora superioridade de meios.

Parece-me altamente provável que a questão da incompetência e do mau uso das informações (*intelligence*) seja uma parte importante dos fiascos militares em que se tornaram os dois conflitos, mas à História Militar acabarão por vir parar outras justificações que vão ter de ser devidamente estudadas e consideradas no futuro imediato.

A este propósito, comecemos por recordar a reunião realizada no Kremlin, três dias antes do início da invasão (21-02-2022), na qual Vladimir Putin tinha perante si os seus principais conselheiros de segurança, sentados a bem uns 6 metros do presidente da Federação Russa (ainda estávamos em tempo de Covid19). Do ponto de vista estratégico, a reunião destinava-se a obter um parecer de cada um dos presentes sobre a intenção de Putin de reconhecer a independência das repúblicas russófonas de Donetsk e Luhansk, que tinham declarado a sua separação da Ucrânia. Era bastante perceptível que esse reconhecimento seria imediatamente seguido de um alegado apoio militar e de uma invasão da Ucrânia.

O momento mais significativo desta reunião – não só pelo destaque que merece no contexto da mesma, mas também pelo que acima já referi – foi quando Putin ficou insatisfeito com as palavras de Sergey Naryshkin, justamente o chefe do Serviço de Informações Exterior (Foreign Intelligence Service, na terminologia americana, equivalente, portanto da Central Intelligence Agency). A intervenção de Naryshkin não cumpriu a fórmula “absolutamente, senhor presidente, devemos reconhecer estas repúblicas” e Vladimir Putin não gostou. Com cara de poucos amigos, pressionou-o: “você apoia isto?”. Ao que ele respondeu: “apoiarei se o senhor o decidir, assunto sobre o qual tenho algumas dúvidas, claramente tenho algumas dúvidas”. Ao que Putin replicaria pressionando-o, uma e outra vez, até que, finalmente, o colocou perante uma pergunta de sim ou não: “apoia ou não apoia?” Então, finalmente, Naryshkin disse “sim”.¹

Um resumo, em vídeo, desta reunião e do choque entre Putin e Naryshkin pode ser visto em <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/video-putin-war-ukraine-documentary/>

Por conseguinte, logo à partida, o chefe do Serviço de Informações Exterior não estava entusiasmado com a perspectiva de um conflito na Ucrânia. Dois dias depois (23Fev22), sendo já amplamente divulgada a presença de tropas russas junto à fronteira com a Ucrânia, preparando a invasão que ocorreria no dia seguinte, Donald Trump, então na sua qualidade de ex-presidente dos EUA, reagiria assim à aparente iminência de uma invasão:

...ontem estava num local onde havia um ecrã de televisão, e eu disse, “isto é genial”. Putin declara como independente uma grande parte da Ucrânia – da Ucrânia! – Putin declara-a

¹ <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/interview/eugene-robinson-2/>

independente’. Oh, é uma maravilha”, disse Trump numa entrevista a uma rádio...(…) “Ele [Putin] usou a palavra ‘independente’ e ‘aí vamos nós lá para dentro para ajudar a manter a paz. Temos de reconhecer que é brilhante.”²

A Vladimir Putin e Donald Trump terão de ser reconhecidas, futuramente, as suas marcantes participações e apreciações nos conflitos actuais. A Donald Trump será creditado, como testemunho do seu entendimento estratégico, o comentário que fez, nos primeiros dias do conflito no Irão, quando esclareceu que a solução para o problema seria, essencialmente, através do modelo aplicado com sucesso na Venezuela. Em 6 de Março, num *post* da plataforma *Truth*, afirmava: “Não haverá qualquer acordo com o Irão senão a RENDIÇÃO INCONDICIONAL”.

Com a presciência estratégica de Putin e Trump, é natural que os seus empenhamentos militares tivessem, à partida, algumas probabilidades de insucesso, por deficiente avaliação das capacidades de resistência do inimigo.

Mas, além disso, há a vertente essencialmente militar, pródiga em produzir surpresas quando se não tem a percepção das “novidades” do campo de batalha, decorrentes dos avanços tecnológicos. Mal se iniciou a guerra na Ucrânia – a que Putin chamou “operação militar especial”, tão convencido estava de que ia ser uma curtíssima contenda –, logo foi patente a elevada precisão das novas armas anticarro e antiaéreas, degradando, rapidamente, as capacidades de sobrevivência de carros de combate e de aviões tripulados. A superioridade aérea não permitia a aplicação do “apoio aéreo próximo”, retirando do campo de batalha uma das “ferramentas” mais úteis para romper defesas inimigas.

Já a guerra ia adiantada quando se percebeu a enorme importância dos veículos aéreos não-tripulados (UAV na sigla inglesa), que designamos, comumente, por DRONES. De relativo baixo custo, estes novos “reis” dos campos de batalha acabaram por colocar a GUERRA numa enorme crise e pôr em causa os seus próprios PRINCÍPIOS.

De facto, vem de longe a aceitação do que a doutrina militar designa por PRINCÍPIOS DA GUERRA, que são 9:

- Objectivo
- Ofensiva
- Massa
- Economia de forças
- Manobra
- Unidade de comando
- Segurança
- Surpresa
- Simplicidade

Tive receio de que estes princípios, que me ensinaram na Academia Militar e ainda estavam em vigor quando deixei o serviço activo, pudessem ter sofrido posteriormente qualquer ajustamento. Uma consulta, na internet, ao muito recente (Março de 2025) FM 3-0, do Exército dos EUA, permitiu-me perceber que, no tocante aos referidos Princípios, nada se alterara, como pode constatar-se nas imagens seguintes.

² <https://www.politico.com/news/2022/02/23/trump-putin-ukraine-invasion-00010923>

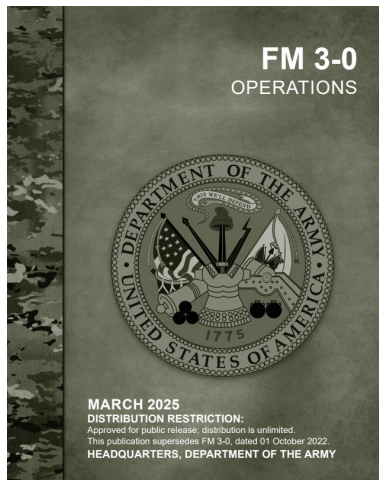


Table 1-1. Principles of war

| |
|---|
| <p>Objective: Direct every military operation toward a clearly defined, decisive, and attainable goal.</p> <p>Offensive: Seize, retain, and exploit the initiative.</p> <p>Mass: Concentrate the effects of combat power at the most advantageous place and time to produce decisive results.</p> <p>Economy of force: Expend minimum-essential combat power on secondary efforts to allocate the maximum possible combat power on the main effort.</p> <p>Maneuver: Place the enemy in a position of disadvantage through the flexible application of combat power.</p> <p>Unity of command: Ensure unity of effort under one responsible commander for every objective.</p> <p>Security: Prevent the enemy from achieving surprise or acquiring unexpected advantage.</p> <p>Surprise: Strike at a time and place or in a manner for which the enemy is unprepared.</p> <p>Simplicity: Increase the probability that plans can be executed as intended by preparing clear, uncomplicated plans and orders.</p> |
|---|

Feita esta verificação, parece ser inquestionável que os princípios da MASSA e da SURPRESA se encontram em gravíssima crise. De facto, com a proliferação dos drones, o campo de batalha é como um tabuleiro de xadrez, onde todos podem observar as “peças” do adversário. Assim, deixando de haver SURPRESA, a aplicação do princípio da MASSA – “a fim de alcançar o sucesso, deve empregar-se um potencial de combate superior ao do inimigo no local e no momento decisivo” – torna-se uma espécie de suicídio operacional, dado que qualquer CONCENTRAÇÃO para atacar é imediatamente identificada pelo inimigo e torna-se um apetitoso alvo, super-remuneratório para os seus diversos tipos de fogos.

Basta a disfunção operacional resultante desta “crise” para se perceber que o impasse que se regista na Ucrânia não resulta, apenas, da incompetência dos chefes militares (da Rússia, principalmente).

Atrevo-me a dizer que, PRESENTEMENTE, é quase impossível manobrar de forma semelhante à que as doutrinas militares AINDA prescrevem. Depois de ter falado nos princípios da SURPRESA e da MASSA, desafio os leitores a “espreitem” os outros sete princípios. Pela minha parte, devo confessar que fico muito receoso de que, também eles, pouco valham para o futuro.

Todavia, AINDA HÁ LIMITES! A ideia de obter uma vitória militar APENAS COM O PODER AÉREO ainda não merece a consagração. Um dia se saberá como decorreu, exactamente, o diálogo entre o poder político e o presidente da Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA, a propósito da razoabilidade de forçar o Irão a submeter-se, sem utilizar forças terrestres. É que, na realidade, não parece crível que o mais alto membro das Forças Armadas americanas não tenha dito que, do ponto de vista operacional, podia acontecer o que, efectivamente aconteceu. Além de que lhe não competia antecipar consequências políticas. Para isso é que existem os políticos.

Para concluir, há que sublinhar a gigantesca crise da própria GUERRA. Uma crise que já dera sinal de grandes sobressaltos na 1.ª Guerra Mundial, sobretudo pela extraordinária relevância que o Elemento Essencial do Combate **FOGO** assumira, com as metralhadoras e com a artilharia moderna. Nessa época, já se “sentiu a falta” da batalha, no seu conceito mais eminentemente napoleónico, que permitia esta vertiginosa sequência (pensem em Austerlitz):

1. Declaração de guerra
2. Marcha
3. Batalha
4. Vitória
5. Rendição
6. Decisão política

O aparecimento do carro de combate como que logrou retirar a guerra de um impasse que inviabilizava a MANOBRA. Ainda durou um século, mas acabou.

Está por inventar o sistema que anulará a visão do campo de batalha através dos drones. Até lá, a GUERRA ESTÁ EM CRISE.

David Martelo – 29 de Maio de 2026